# CAROLINE COELHO FERNANDES CRISTIANISMO E IMAGEM NO IMPÉRIO BIZANTINO, SÉCULOS VIII e IX.

Mariana Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP 2014

# CAROLINE COELHO FERNANDES CRISTIANISMO E IMAGEM NO IMPÉRIO BIZANTINO, SÉCULOS VIII E IX.

Trabalho de Conclusão de Curso 2, apresentado ao Curso de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Celso Taveira

Mariana Instituto de Ciências Humanas e Sociais/ UFOP 2014

### **AGRADECIMENTOS**

Muitos foram os obstáculos enfrentados até aqui, neste produto final, que é com orgulho que posso dizer: EU CONSEGUI. Muitos foram os medos, as incertezas, as dificuldades, principalmente quando estava esgotada mentalmente e pensava em desistir por não conseguir mais produzir. Porém, não cheguei aqui sozinha, para isso, tive o apoio de pessoas extraordinárias que mais do que me apoiar, acreditaram em mim. Então, o meu grande obrigada a você, Celso Taveira, que foi nesse tempo todo mais do que um orientador, foi um grande amigo, que soube por várias vezes me ouvir e me apoiar mesmo quando isso era contra as suas convicções. À toda minha família que sempre esteve ao meu lado, mas principalmente aos meus pais, Maria Aparecida e José do Nascimento pela maior herança que se pode dar a um filho, a educação. Obrigada por terem permitido que eu chegasse até aqui. Obrigada pela confiança! Aos amigos do ICHS, Luzia (Zu), Rodrigo (Dididi) e Deisi (Thuca), muito obrigada pela amizade e apoio incondicional. Jamais me esquecerei de tudo que já fizeram e ainda fazem por mim. Ao Douglas, pelo apoio e paciência nos momentos difíceis, mas, principalmente, por acreditar em mim até mesmo quando ninguém mais, inclusive eu, acreditava. Obrigada por tudo! Obrigada por fazer parte da minha vida! Enfim, agradeço àqueles que de alguma forma contribuíram para este trabalho.

### **RESUMO**

O período iconoclasta (726-843) foi uma luta em torno das imagens religiosas no Oriente Medieval que culminou na destruição das mesmas em prol de uma purificação do cristianismo. Essa batalha de mais de um século teve uma pausa com o restabelecimento do culto das imagens em 787, com o retorno da iconoclastia anos mais tarde, em 815, sendo o restabelecimento definitivo do culto das imagens, o chamado "Triunfo da Ortodoxia" somente em 843. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é tentar compreender por que ocorreu no Império Bizantino essa luta em torno das imagens sendo os bizantinos tão ligados ao culto das mesmas, e, também tentar entender o papel da imagem nos contextos político e religioso, pensando na importância dos ícones não somente para os bizantinos, mas também para a cultura cristã. Para isso, usaremos das Atas do Patriarcado de Constantinopla e dos escritos teológicos deixados por aqueles que defendiam e por aqueles que rejeitavam as imagens. Assim, é possível perceber o iconoclasmo bizantino enquanto um fenômeno de cunho não somente religioso, mas também político, que partiu de uma iniciativa imperial. Além disso, podemos também perceber as imagens enquanto um mecanismo de poder que atende aos diversos interesses.

Palavras-chave: Império Bizantino, Iconoclasmo, Imagem.

### **ABSTRACT**

The iconoclastic period (726-743) was a struggle over the religious images in the Medieval Orient culminating in the destruction of them in favor of the Christianity purification. This battle, that lasted for more than a century, had a break with the restoration of the worship of images in 787, with the return of iconoclasm years later in 815, and the definitive restoration of the worship of images called "Triumph of Orthodoxy" only in 843. Therefore, the present study is aimed at trying to understand why this struggle over images occurred in the Byzantine Empire since Byzantines are so connected to the image worship. This study is also aimed at trying to understand the role of the image in the political and religious contexts, considering the importance of the icons not only for the Byzantines, but also for the Christian culture. To accomplish that, we will use the Acts of the Patriarchate of Constantinople and theological writings left by those who defended and those who rejected the images. This way, it is possible to see the Byzantine iconoclasm as not only a phenomenon of religious nature, but also political that originated from an imperial initiative. Moreover, we can also perceive the images as a mechanism of power that meets different interests.

**Key-words:** Bizantine Empire, Iconoclasm, Image.

### LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: Ícone de Cristo	15	
FIGURA 2: Mosaico de Cristo entre o imperador Constantino IX e Zoé	18	
FIGURA 3: Saltério com a crucificação e um iconoclasta destruindo um ícone FIGURA 4: Ícone com o Triunfo da Ortodoxia	25	
	30	

## **SUMÁRIO:**

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1. SOBRE AS FONTES E SUAS DIFICULDADES	10
CAPÍTULO 2. BIZÂNCIO: O "REINO DOS CÉUS" NA TERRA	12
CAPÍTULO 3. O PAPEL DA IMAGEM NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO	17
CAPÍTULO 4. O PERÍODO ICONOCLASTA: UMA LUTA EM TORNO DAS IMAGENS	21
CONCLUSÃO	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXO I. Documentos referentes ao patriarcado de Anastácio (730-754)	37
ANEXO II. Documentos referentes ao patriarcado de Tarásio (780-806)	38
ANEXO III - Documentos referentes ao patriarcado de Nicéforo I (806-815)	39
ANEXO IV - Documentos referentes ao patriarcado de Metódio (843-847)	42
ANEXO V - S. João Damasceno defendeu as imagens	45
ANEXO VI - A condenação das imagens em Bizâncio	46
ANEXO VII - O 2º Concílio de Nicéia (787) condenou a iconoclastia:	47

### INTRODUÇÃO

Em meio a uma infinidade de temas em relação à História Medieval, principalmente no que tange à História Medieval do Ocidente, o porquê de estudar o Oriente me parece um questionamento bem contundente. Porém, seria também um questionamento um tanto quanto "pobre", visto a infinidade de motivos e temas que chamam a atenção devido ao caráter único que podemos perceber nas civilizações existentes nessa outra parte do mundo. No caso deste trabalho, que procura fazer um estudo da sociedade Bizantina, o fato da mesma ser ao mesmo tempo asiática e europeia já se constitui um fascinante motivo de pesquisa.

Já em relação ao estudo da religiosidade no Império Bizantino, mais precisamente do Iconoclasmo, foco deste trabalho, é um ponto ainda mais interessante, visto que temos aqui um caso específico e atípico de uma luta contra as imagens em uma sociedade condicionada pela tradição cristã. Para isso é preciso estar atento para o fato de que todos os imperadores iconoclastas eram asiáticos, enquanto que a imperatriz Irene que restabeleceu pela primeira vez o culto das imagens (787) era de origem grega, ou seja, europeia. Já a imperatriz Teodora, que restabeleceu definitivamente o culto das imagens, em 843, momento que ficou conhecido como o "Triunfo da Ortodoxia", era originária da Paflagônia na Ásia Menor, ou seja, era asiática, fato que nos intriga, pois, como já foi dito acima, asiáticos também eram os imperadores que deflagraram a iconoclastia.

Sendo assim, é de extrema importância nos atentarmos para a questão da origem dos imperadores, pois temos na parte asiática do Império um grande foco de heresias <sup>2</sup> ao contrário da parte europeia. Com isso, acreditamos que esse caráter híbrido da sociedade e do modelo político bizantino, simultaneamente europeu e asiático, justifica por si só a originalidade e especificidade desse Império que é ao mesmo tempo Romano, Grego, Cristão e Medieval, situado numa região de grande importância geo-estratégica entre a Europa e a

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Conhecido também como o "Domingo da Ortodoxia", o dia 11 de março de 843 ficou marcado como o dia da condenação oficial do Iconoclasmo, no qual em uma procissão solene, o documento intitulado "Sinodykon da Ortodoxia" foi depositado no altar da Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla. Neste documento há uma lista de anátemas contra os hereges, particularmente, os líderes da Iconoclastia, além de outros fundadores de heresias. Todos os anos no dia 11 de março é comemorado o "Triunfo da Ortodoxia". KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium.* New York – Oxford: Oxford University Press, 1991, 3 vol. Vol. 3.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> O termo "heresia" é imposto pela Igreja Ortodoxa de Constantinopla sobre tendências religiosas, ou seja, cristãs, que eram condenadas pelo patriarcado por debaterem acerca da definição do dogma da natureza de Cristo. In: KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York – Oxford: Oxford University Press, 1991, 2 vol. Vol. 2.

Ásia. É preciso também observar o fato de que Bizâncio se constitui em uma relação única entre os poderes temporal e espiritual, já que ao contrário do que ocorria no Império Romano do Ocidente, no Oriente esses poderes estão intrinsecamente ligados, são indissociáveis, onde questões da Igreja se tornam questões do Estado e questões do Estado se tornam questões da Igreja.

Além disso, esse contexto justifica igualmente a importância do nosso tema que procura inserir a importância e o papel que a imagem teve nessa sociedade e no decorrer do conflito entre aqueles que adoravam as imagens (iconófilos) e aqueles que as recusam e condenam (iconoclastas)<sup>3</sup>. Em relação à justificativa desse tema, é preciso também destacar a importância das imagens na cultura cristã e não apenas em Bizâncio, o que nos mostra a relevância de se fazer um estudo em torno das mesmas, com destaque para uma situação atípica como a do iconoclasmo bizantino.

Sendo assim, ao pensar em um trabalho que toca em pontos nevrálgicos da sociedade bizantina, tais como política e religião, o nosso objetivo é tentar compreender a questão dos conflitos ocorridos entre 726 e 843, em torno das imagens no Império Bizantino. Pretendemos também entender o papel da imagem nos contextos político e religioso, pensando na importância dos ícones não somente para os bizantinos, mas também para a cultura cristã. Queremos também compreender por que ocorreu no Império essa luta em torno das imagens, sendo os bizantinos tão ligados ao culto das mesmas, destacando o fato desse Império ter se constituído a partir de influências europeias e asiáticas. No início, o cristianismo assim como religiões asiáticas tais como o judaísmo e o islamismo são avessas ao uso de ícones no culto, no entanto, a veneração de imagens era uma tradição da Antiguidade Clássica, ou seja, uma tradição europeia.

Para isso, utilizaremos como fonte os registros das atas do patriarcado de Constantinopla que dizem respeito ao nosso tema e os escritos deixados pelos teólogos defensores das imagens. Pode parecer, à primeira vista, estranha a nossa opção por essas fontes, já que as mesmas foram produzidas do ponto de vista iconófilo, porém, o único acesso que temos ao ocorrido é através da utilização dos escritos iconófilos, já que os escritos do

-

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> As definições tanto do termo "Iconófilo" quanto do termo "Iconoclasta" utilizados neste trabalho forem retirados de: KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York – Oxford University Press, 1991, 2 vol. Vol. 2.

partido iconoclasta foram eliminados após o "Triunfo da Ortodoxia" em 843, assim como as obras imagéticas da época que foram alvos da iconoclastia. Nosso estudo foi possível também através do que restou referente ao concílio de Hieria, em 754, documento este que pode ser encontrado no livro "Antologia de Fontes Históricas Medievais" reunidas por Fernanda Espinosa.

A partir do estudo e análise dessas fontes, fizemos um levantamento bibliográfico, onde procuramos analisar os diversos personagens envolvidos no conflito iconoclasta, tais como o clero patriarcal, o clero monástico, e os imperadores sendo eles a favor ou não das imagens. Com isso, julgamos poder situar a imagem enquanto um mecanismo de poder que abrange todos esses interesses.

Neste sentido, nosso trabalho divide-se em quatro capítulos. No primeiro fizemos uma breve explanação sobre as fontes utilizadas e suas características, procurando demonstrar sua importância e seus problemas.

No segundo procuramos situar o leitor no funcionamento do Império Bizantino enquanto um lugar onde as esferas de poder religioso e estatal são indissociáveis, e que o bem estar do Império depende do bom acordo entre ambas as partes, no que Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Andrade Filho chamam de "fusão bizantina entre o temporal e o espiritual". Além disso, procuramos também destacar a importância e o papel da imagem nessa sociedade.

No terceiro procuramos demonstrar do papel da imagem na história do cristianismo e como a mesma tornou-se motivo de conflitos no Império Bizantino, ao ponto de ser vista como objeto de adoração e veneração.

E no quarto e último capítulo, fizemos uma apresentação do período iconoclasta, onde procuraremos ilustrar os argumentos tanto a favor como contra as imagens, numa tentativa de compreender os motivos que levaram a essa situação atípica na História de conflito em torno dos ícones.

Cumpre salientar que os capítulos dois e três são tratados de forma menos aprofundada uma vez que constituem uma preparação contextual para o cerne da nossa questão, que se encontra no capítulo quatro.

### CAPÍTULO 1. SOBRE AS FONTES E SUAS DIFICULDADES

Como já dissemos na introdução deste trabalho o estudo sobre o fenômeno do iconoclasmo bizantino somente nos foi possível através do acesso às fontes escritas do ponto de vista iconófilo, devido à eliminação dos escritos iconoclastas após o "Triunfo da Ortodoxia" em 843, e, também devido à eliminação das obras imagéticas do período. Por isso, muitos historiadores veem o período iconoclasta como o período da "Idade das Trevas" de Bizâncio, devido à escassez e dificuldade de interpretação dessas fontes.

Ostrogorsky<sup>5</sup> nos chama a atenção para o fato de que não restou nenhum escrito do ponto de vista iconoclasta em sua forma original, em decorrência da ordem de destruição desses arquivos que foi dada durante o segundo Concílio de Nicéia em 787, assim como o concílio de 843 certamente tomou medidas semelhantes. Segundo o autor há a possibilidade de se conhecer as decisões do concílio de 754 a partir das atas do concílio iconófilo de 787, chamando também a atenção para a importância da obra do patriarca Nicéforo na qual é possível encontrar as decisões do sínodo iconoclasta de 815.

Como as fontes que dizem respeito ao período são em maioria eclesiásticas ou religiosas, Shepard<sup>6</sup> afirma que é preciso estar atento para o caráter tendencioso das mesmas devido às suas origens clericais ou monásticas, ou seja, como já foi dito acima, do ponto de vista iconófilo, mostrando a política iconoclasta e seus adeptos sempre de forma negativa.

Neste sentido, nosso ponto de partida para o estudo dos conflitos entre iconoclastas e iconófilos encontra-se na obra "Antologia de textos históricos medievais", de autoria de Fernanda Espinosa<sup>7</sup>, na qual, no capítulo II, "A civilização bizantina", encontra-se a seção 2, "A cisão iconoclasta", na qual destacamos os seguintes documentos: um texto de São João Damasceno, defensor das imagens, um extrato das atas do concílio de 754 que condena as

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> CAMERON, Averil. *O texto como arma: polêmica na "Idade das Trevas" de Bizâncio.* In: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Gug. (Org.). *Cultura escrita e poder no mundo antigo.* Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998. PP. 242-263; SHEPARD, Jonathan. *The Cambridge History of The Byzantine Empire.* Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> OSTROGORSKY, Georg. *Historia Del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 157-216.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> SHEPARD, Jonathan. *The Cambridge History of The Byzantine Empire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Cap. 5.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio.

imagens e um extrato do concílio de Nicéia II de 787 que restaura o culto das imagens, condenando a iconoclastia.

A partir dessas referências numa obra mais acessível procuramos aprofundar a questão através das seguintes fontes contemporâneas ao período: os registros das atas do patriarcado de Constantinopla<sup>8</sup> e os escritos teológicos<sup>9</sup> em defesa das imagens produzidos pelos monges João Damasceno e Teodoro Studita. Além disso, como importante antecedente quanto a não utilização de imagens, já no século IV, o que nos parece um precedente importante, incluímos o trecho de uma carta<sup>10</sup> de Eusébio de Cesaréia à irmã de Constantino, Constância, na qual rejeita o pedido da mesma por um retrato de Cristo, afirmando ser impossível representar aquilo que é inatingível.

Apesar de não ter sobrevivido fontes imagéticas do período podemos usar as imagens dos séculos anteriores e posteriores, pois as mesmas nos fornecem uma ideia da importância que as imagens cristãs tinham no Império Bizantino. Isso nos fica mais claro após o Triunfo da Ortodoxia em 843, fato que dá origem a um período de apogeu da arte bizantina entre os séculos IX e XI.

É preciso que o historiador esteja atento às dificuldades apresentadas por essas fontes que dizem respeito ao período iconoclasta, já que "os textos não estão apenas imbuídos de autoridade; eles também podiam ser - e na verdade eram – usados como armas" (CAMERON, p. 244, 1998) tanto daqueles que rejeitavam as imagens quanto daqueles que as defendiam, pois o iconoclasmo não pode ser caracterizado apenas por uma disputa física através da destruição de ícones e pela perseguição dos monges, mas também, e, principalmente, através das palavras, do discurso de ódio contra o inimigo (CAMERON, 1998).

Assim, nossas discussões acerca dessas fontes se darão em nosso quarto e último capítulo o qual será mais desenvolvido em relação ao nosso tema e às fontes utilizadas para a compreensão do mesmo.

-

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> GRUMEL, Venance. *Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206*. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxiême edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> MANGO, Cyril. *The Art of the Byzantine Empire, 312-1453:* Sources and Documents. Toronto: University of Toronto Press, 1993.

<sup>10</sup> Idem.

### CAPÍTULO 2. BIZÂNCIO: O "REINO DOS CÉUS" NA TERRA

Adotando o cristianismo como religião do Estado, Constantino, O Grande, fez dessa preocupação uma questão do governo e praticamente colocou o imperador na posição de Guardião das Chaves, Pastor do Rebanho, como Pedro, Príncipe dos Apóstolos, tal como pretendia Leão, o Isaúrico. Essa posição do Imperador não foi nunca seriamente contestada no Oriente. Até o fim, a Igreja permaneceu como um departamento do Estado. (RUNCIMAN, 1977, P. 87)

É preciso, primeiramente, nos atentarmos para o fato de que estamos lidando com um Império constituído a partir de influências europeias e asiáticas, sendo Grego, Cristão, Romano, Medieval e Oriental. Ou seja, um Império que se destaca pela sua posição geográfica estrategicamente situada entre o Ocidente e o Oriente, sendo assim, alvo de inúmeras batalhas. Assim, é preciso nos atentarmos também, para o caráter híbrido desse Império que se converge numa população formada a partir da junção de diferentes povos e culturas.

Desde a ascensão do imperador Constantino no século IV e desde que o mesmo transformou a antiga cidade de Bizâncio na nova Roma, rebatizando-a a partir do seu próprio nome, como Constantinopla, os imperadores e a religião cristã<sup>11</sup> passam a compartilhar não apenas os mesmos cerimoniais, mas também os cenários nos quais os rituais tinham lugar. Segundo Philip Sherrard<sup>12</sup>, o ocorrido a Constantino não teria sido uma simples conversão, já que o mesmo era um imperador e havia recebido um sinal. Sendo assim, é possível concluir que tanto o imperador quanto toda estrutura imperial governada por ele, teriam sido escolhidos e consagrados por Deus. "O imperador e o império haviam recebido uma benção divina e a partir de então achavam-se sob a proteção direta da Cruz" (PHILIP SHERRARD, 1970, p. 93)<sup>13</sup>.

Nesse contexto é preciso chamar a atenção para o caráter autocrático do poder imperial bizantino, no qual o *basileus* tornou-se o sucessor dos *césares*, sendo coroado pelo Patriarca de Constantinopla em uma cerimônia que destacava a base cristã do Império e o

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> A única exceção é o imperador Juliano 363-465 que era pagão.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> SHERRARD, Philip e os redatores dos livros "Time-Life". A Instituição Sagrada. In: SHERRARD, P. *Bizâncio*. Trad. José Laurêncio de Melo. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1970. Cap. 5. p. 92-112.
<sup>13</sup> Apesar de adotar a conversão de Constantino como marco para o início da cristianização do Império Bizantino, Philip Sherrard chama a atenção para o fato de que Constantino só teria mesmo se batizado como cristão no seu leito de morte, 25 anos depois da revelação que recebeu. É preciso chamar atenção para essa questão, visto que a conversão de Constantino não tem comprovação histórica.

caráter religioso da autoridade do Imperador (PREVITE-ORTON, C. W. 1967, p. 349). Assim:

Ao contacto do Oriente, ele se tornou o *autocrator*, o despotes, e, a partir do início do século VII, o *basileus*, isto é, o imperador por excelência, o senhor que dispõe de autoridade absoluta. Enfim, o cristianismo fez dele o eleito de Deus, o ungido do Senhor, o representante de Deus sobre a terra, seu lugar-tenente à frente dos exércitos, e, como se diziam em Bizâncio, o *isapóstolos*, o príncipe igual aos apóstolos. (DIEHL, 1961, p. 82)

Neste sentido, o bem estar da vida no Império Bizantino em todas as suas esferas – social, política, religiosa e econômica – dependia do acordo entre imperadores e patriarcas, no que Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Filho<sup>14</sup> chamam de "fusão bizantina entre o temporal e o espiritual", ou seja, religião e Estado estavam intrinsecamente ligados, ao contrário do que ocorria no Ocidente, onde o poder imperial e o poder papal viriam a se dissociar progressivamente. Segundo Philip Sherrard<sup>15</sup>, todo o império deveria estar submisso à sua protetora, a Cruz. Temos aí a adoção de uma religião estatal como forma de unificação de um império heterogêneo, ou seja,

(...) na ausência de um espírito de homogeneidade em todo o império, visto que esse englobava uma população heterogênea, e multi-étnica, a proclamação de uma fé comum serviu, a partir do século IV, como elemento de união e integração de diversos povos e etnias (judeus, eslavos, sírios, árabes, armênios, egípcios). (BOY, 2004, p. 29).

A partir daí, são convocados Concílios nos quais eram definidas as normas (cânones) da organização da Igreja, como o Concílio de Nicéia, realizado na cidade de Nicéia, em 325, convocado pelo então imperador Constantino, onde se definiu o dogma da Trindade, base da religião cristã. Vemos aí, mais uma vez, a marca da influência do Imperador nos assuntos religiosos, já que o mesmo tinha o poder de convocar Concílios, o que se repetiu ao longo da história bizantina.

<sup>15</sup> SHERRARD, Philip e os redatores dos livros "Time-Life". A Instituição Sagrada. In: SHERRARD, P. *Bizâncio*. Trad. José Laurêncio de Melo. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1970. Cap. 5. p. 92-112.

1

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> FRANCO JUNIOR, Hilário; e FILHO, Ruy de Oliveira Andrade. *O Império Bizantino*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 3ª Edição. Coleção "Tudo é História". p. 12-31.

Assim, havia um Imperador e um Patriarca; abaixo desse último havia os bispos, os arcebispos, o pároco e os monges. Estes últimos, os monges, são de extrema importância para o Império, já que, segundo Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Filho 16, eram independentes do poder da Igreja e também do poder Imperial, sendo também considerados os personagens mais populares da sociedade bizantina, devido à sua identificação com a religiosidade popular, principalmente no que diz respeito ao culto às relíquias e santos, já que as primeiras eram conservadas nos mosteiros. Além disso, segundo David Knowies<sup>17</sup>, os monges ainda tinham grande papel nas discussões teológicas, políticas e também em problemas éticos.

No plano da sociedade bizantina temos no culto às imagens e relíquias de santos, o maior e mais intenso veículo de transmissão da religião ortodoxa, devido aos milagres e a função protetora que eram atribuídos aos mesmos. Em relação às imagens, estas eram também usadas como caráter pedagógico, sendo exemplo disso, a famosa imagem do Cristo Pantocrator que pode ser encontrada na cúpula principal de toda Igreja Bizantina. Sua função pedagógica estava no que o bizantino chamava de "o olho da justiça", ou seja, o olho de Deus que tudo vê, por isso havia em cada cúpula principal a representação do Cristo Pantocrator com seus enormes e profundos olhos que parecem seguir o indivíduo em qualquer lugar que ele esteja e julgá-lo por todos os seus atos mesmo que seus olhos não fixem diretamente o indivíduo. Ou seja, na falta de uma população letrada, temos no uso das imagens, um dos mais eficazes meios de ensinamento do dever cristão. Assim, segundo Steven Runciman<sup>18</sup>, apesar dos inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos que existiam no Império, os bizantinos tinham sua atenção mais voltada para o que poderia fazê-los atingir o tão sonhado e desejado "céu" após sua morte. Abaixo, uma imagem do Cristo – alvo da política iconoclasta datada do século VI.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> FRANCO JUNIOR , Hilário; e FILHO, Ruy de Oliveira Andrade. *O Império Bizantino*. São Paulo: Brasiliense, 1985. 3ª Edição. Coleção "Tudo é História". p. 12-31.

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> KNOWLES, David. El Monacato Bizantino. In: KNOWLES, D. El monacato Cristiano. Madrid: Biblioteca

pra El Hombre Actual, 1969.. PP. 124-134. <sup>18</sup> RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. Tradução: Waltensir Dutra. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. Cap. XI.

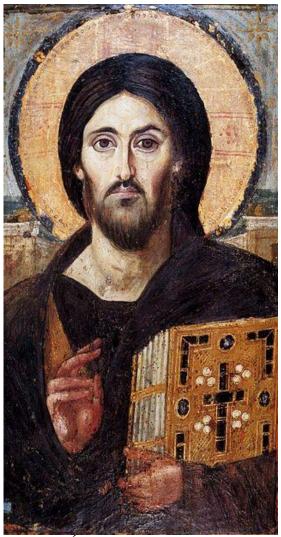


FIGURA 1: Ícone de Cristo, Sinai, século VI. (CORMACK, Robin; VASSILAKI, Maria, p. 251, 2008).

Porém, é nesse cenário de grande devoção às imagens e relíquias que temos o chamado movimento Iconoclasta, ocorrido nos séculos VIII e IX, como forma de abolir, entre a população, com o que os iconoclastas chamavam de "heresia" que provinha dessa adoração excessiva às imagens, numa tentativa, assim, de "purificar" o cristianismo. Temos, assim, um movimento cujo objetivo é a destruição dessas imagens, especificamente as imagens do Cristo, da Virgem e do Santos, movimento este que veio de cima, ou seja, que partiu do próprio imperador Leão III (717-741).

Neste sentido, ao se fazer um estudo sobre do Império Bizantino, seja no âmbito social, político, econômico ou religioso, é necessário que o pesquisador esteja sempre atento para a importância do caráter indissociável das questões do Estado perante as questões da Igreja, e, também, estar atento para esse caráter híbrido da sociedade bizantina, pois muitos

dos problemas ao longo da história do Império provêm dessa questão de multiplicidade cultural, social e, principalmente, religiosa.

### CAPÍTULO 3. O PAPEL DA IMAGEM NA HISTÓRIA DO CRISTIANISMO

Antes de entrarmos na discussão acerca da crise iconoclasta em Bizâncio é preciso aprofundar um pouco na questão do papel da imagem no decorrer da história do cristianismo e também do Império Bizantino, para tentar entender, assim, como a imagem passou a fazer parte do cotidiano dos cristãos e como a mesma passou a ser vista como caso de idolatria, gerando a iconoclastia em Bizâncio no decorrer dos séculos VIII e IX.

Para isso, é preciso, primeiramente, que façamos uma breve exposição do que vem a ser o ícone. Segundo o verbete "ícone" que pode ser encontrado no *The Oxford Dictionary of Byzantium* <sup>19</sup>, o termo "ícone" ou "imagem" significa qualquer representação de um personagem considerado sagrado, podendo ser produzido de várias formas e tamanhos. Na maioria das vezes o ícone se refere a um painel de madeira pintado de forma devocional. Presente nos cultos pagãos, os ícones foram tratados de forma hostil pelos cristãos primitivos, porém, esse cenário foi mudando aos poucos com a aderência dos mesmos pelos cristãos em seus cultos e igrejas.

Assim, desde os primeiros séculos é possível perceber o desenvolvimento da arte cristã de forma ainda tímida, adotando símbolos pagãos e dotando-os de novos significados, apesar da proibição referente ao uso das imagens constante no Antigo Testamento, já que o uso das mesmas era visto como idolatria: "Não tenha outros deuses diante de mim. Não faça para você ídolos, nenhuma representação daquilo que existe no céu e na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra"<sup>20</sup>. Dessa forma, é no fim do século II que surgem símbolos verdadeiramente cristãos, como a multiplicação dos pães que não são retratos propriamente ditos, mas sim apenas uma referência aos momentos passados por Cristo ou pela Virgem em vida. Nessa etapa, "os artistas de profissão não participam dessa produção que ainda não é uma arte. Os artistas, na verdade, trabalham para o mundo pagão e confeccionam as imagens diante das quais os mártires são condenados" (BESANÇON, 1997, p. 180).

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> Verbete "icone" in: KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York – Oxford: Oxford University Press, 1991. Vol. 2. pp. 977-981.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990. ÊXODO 20:3, 4.

Com isso, segundo Alain Besançon<sup>21</sup>, a arte cristã propriamente dita somente começa a ser produzida a partir da conversão de Constantino<sup>22</sup>, no século IV, quando o cristianismo deixa de ser uma religião perseguida e passa a ser a religião tolerada no Império, quando os artesãos passam, então, a trabalhar para a exaltação dessa nova fé.

Ao contrário do que ocorria no Ocidente, religião e Estado estavam intrinsecamente ligados no Oriente, refletindo, assim, esse caráter indissociável dessas duas esferas na arte bizantina que passa a ser produzida como "arte oficial", onde imperadores, Cristo, a Vigem, os Santos e os anjos passam a ser representados juntos, com o intuito de divinizar a imagem do imperador perante a população.



FIGURA 2: Mosaico de Cristo entre o imperador Constantino IX Monômaco e Zoé Porfirogênita. Santa Sofia, século XI. (In: <a href="http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel Pselo#mediaviewer/Ficheiro:Empress Zoe mosaic Hagia Sophia.jpg">http://pt.wikipedia.org/wiki/Miguel Pselo#mediaviewer/Ficheiro:Empress Zoe mosaic Hagia Sophia.jpg</a>, acesso em 26/06/2014).

<sup>21</sup> BESANÇON, Alain. *A imagem proibida. Uma história intelectual da Iconoclastia.* Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 179-238.

2

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Não há uma comprovação histórica referente à conversão de Constantino ao Cristianismo, visto que há indícios de que o mesmo seria pagão até seu leito morte, somente então, teria sido batizado.

De acordo com Steven Runciman<sup>23</sup>, ao contrário da carência existente na literatura, na arte Bizâncio deixou um grande legado, principalmente no que diz respeito à arte religiosa<sup>24</sup>. O autor chama a arte bizantina de "síntese de sua civilização", já que possui elementos grecoromanos, aramaicos e iranianos.

O triunfo do Cristianismo inevitavelmente implicava o fortalecimento dessa concepção aramaica da arte. Cristo não podia ser retratado do mesmo modo que Apolo. Ele era o Deus que sofrera, o Grande Juiz, o Redentor. Seus seguidores deveriam senti-lo como tal, e para isso as linhas do sofrimento, da força e da benevolência divina deviam estar avidentes em seu rosto. A religião exigia um impressionismo desconhecido do mundo greco-romano. (RUNCIMAN, 1977, p. 197).

Assim, é a partir dos séculos VI e VII que se tem notícia de uma difusão em massa dos ícones e do culto aos mesmos, que se destacavam cada vez mais tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Segundo Runciman<sup>25</sup> a Igreja havia dado a aprovação oficial às imagens através do Concílio Quinissexto em 692, no qual foi ordenado que Cristo deixasse de ser representado de forma simbólica como um cordeiro, passando, assim, a ser representando tal qual uma pessoa para dar ênfase à sua natureza humana. Assim, aos poucos, as imagens foram ganhando extrema importância no Império Bizantino, onde os próprios imperadores aceitavam a multiplicação das mesmas, usando-as até mesmo em suas devoções pessoais, e, também, como já foi dito acima, como parte delas.

No final do século VI, os imperadores não apenas encorajam uma veneração das imagens religiosas análoga àquela das imagens imperiais, como permitem ao Cristo e à Virgem instalar-se no espaço antes ocupado por suas imagens, e, desse modo, receber o culto francamente pagão que suas imagens haviam sempre recebido. (BESANÇON, 1997, p. 186).

Além disso, essa crescente veneração aos ícones estava ligada também ao homem comum bizantino que assim como os seus ancestrais cultuavam fervorosamente estátuas de deuses e deusas, fazendo o mesmo com as imagens de Cristo e dos santos, por acreditarem

<sup>24</sup> O ponto de vista de Runciman em relação a uma literatura quase inexistente vem sendo revisto sendo atualmente reconhecida uma produção literária importante.

-

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. Tradução: Waltensir Dutra. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977. Cap. XI.

<sup>&</sup>lt;sup>25</sup> RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina*. Tradução: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

que os mesmos podiam fazer milagres, principalmente no que diz respeito à proteção do Império e também à sua própria proteção, vendo no culto às imagens a sua salvação.

Todo esse valor dado às relíquias devia-se à função protetora que elas exerciam, ajudando com seus milagres não apenas aos bizantinos individualmente, mas garantindo a própria sobrevivência do Império. Foi uma imagem santa da Virgem, defensora de Constantinopla, que em procissão pelas muralhas da cidade impediu que os persas e os avaros a invadissem em 626, os árabes em 677 e 717. (JÚNIOR, Hilário e FILHO, Ruy, 1985, p. 23).

Porém, da mesma forma que existiam esses indivíduos que cultuavam e adoravam as imagens, havia também no Império Bizantino uma enorme quantidade de cristãos que as rejeitavam, principalmente aqueles que se encontravam nas regiões orientais do Império, devido à influência semita que sofriam. Em Constantinopla também havia alguns indivíduos que discordavam do culto às imagens, "onde, em 670, o viajante ocidental Arculfo viu um fanático destruir uma imagem da Virgem" (RUNCIMAN, 1978, p. 59), mostrando, assim, que desde muito antes do movimento iconoclasta, já existiam problemas referentes à questão dos ícones.

Neste sentido, é nesse ambiente de grande devoção e adoração aos ícones que focalizamos nosso objeto de estudo, quando surge o movimento iconoclasta, com o Imperador Leão III, em 726, no intuito de acabar com a idolatria que era vista e tachada pelos cristãos primitivos como heresia. Movimento esse que no decorrer de mais de um século perseguiu e coibiu as imagens, inicialmente a de Cristo, se estendendo no decorrer do processo, às outras manifestações da imaginária religiosa, tais como as imagens monumentais do Cristo e os demais ícones referentes à Virgem e aos Santos.

# CAPÍTULO 4. O PERÍODO ICONOCLASTA: UMA LUTA EM TORNO DAS IMAGENS.

"pois pintura, mesmo se silenciosa sabe como falar a partir do muro". 26.

Após discorrer acerca da importância da religião no Império Bizantino e acerca do papel que a imagem vem ocupando na história do cristianismo é preciso focar na questão iconoclasta para, assim, podermos entender a importância e o papel da imagem religiosa na sociedade bizantina. Para isso, é necessário que façamos uma apresentação geral do período e também que entremos um pouco nos argumentos utilizados pelos dois partidos envolvidos, ou seja, o partido iconófilo, "amigo" das imagens, e o partido iconoclasta, aquele que condena as mesmas.

Neste sentido, o movimento iconoclasta pode ser caracterizado como um movimento de viva contestação das imagens que teve início em 726<sup>27</sup>, perdurando por mais de um século, tendo final somente em 843 com o Triunfo da Ortodoxia. Inicialmente, a iconoclastia visava à negação somente da imagem de Cristo, se estendendo no decorrer do processo às outras manifestações da imaginária religiosa bizantina, tais como as imagens da Virgem e dos Santos. O movimento se divide em dois períodos, sendo o primeiro de 726 a 787 com o restabelecimento do culto das imagens, e, o segundo período com a retomada da iconoclastia em 815 até 843, quando se tem definitivamente o triunfo das imagens. Seu objetivo (e não único, como mostraremos neste trabalho) era de cunho religioso e tinha a pretensão de purificar o cristianismo voltando às origens cristãs onde não se cultuavam as imagens, tentando, assim, se desvincular de práticas pagãs.

Muito antes do começo da iconoclastia, ainda no século IV, a Igreja já enfrentava discussões em torno de sua doutrina no que tange à natureza de Cristo e a relação entre as pessoas da Trindade, devido ao caráter heterogêneo da população bizantina, formada a partir de diferentes povos e culturas, sendo assim, um grande foco de proliferação de heresias.

<sup>27</sup> A questão referente à data inicial da crise iconoclasta é bem divergente pelos autores estudiosos do período, já que alguns veem o início do movimento a partir de uma ordem dada pelo então imperador Leão III, em 726, de retirar das igrejas os ícones e simultaneamente destruí-los. Já outros autores apontam para o início da crise somente em 730, quando o mesmo imperador, citado acima, reuniu um Concílio em Constantinopla condenando oficialmente os ícones. Neste trabalho usaremos a data de 726 por acreditarmos que o iconoclasmo teve o seu início antes mesmo da convocação do Concílio.

-

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> "for painting, even if silent, knows how to speak from the wall." (MAGUIRE, 1994, p. 9)

Nessa mesma época, mais precisamente em 325, ocorreu o Concílio de Nicéia, onde uma dessas heresias, o chamado arianismo, fora condenado, porém, o mesmo não desapareceu definitivamente e continuou se disseminando. Com isso, outras duas tendências heréticas surgiram, o monofisismo e os nestorianismo, que também foram condenadas no Concílio de Calcedônia em 451, mas que também não desaparecerem definitivamente. A partir disso, é possível perceber que séculos antes da iconoclastia a Igreja e seu dogma já eram contestados, abrindo, assim, várias portas para ideias divergentes, o que mostra que a luta da Igreja contra posições consideradas heréticas no Império oriental era antiga, visto que era impossível o controle de um território tão extenso e formado por uma sociedade multiétnica e portadora de pensamentos divergentes.

Ainda no século IV encontramos também, uma carta de um autor de extrema importância na tradição cristã, Eusébio de Cesaréia<sup>28</sup>, na qual critica a irmã do imperador Constantino I (312-337), Constância por ela lhe pedir o envio de um retrato de Cristo, já que segundo Eusébio de Cesaréia, não é possível a produção de uma imagem de Cristo, pois não é possível representar aquilo que é ininteligível:

You also wrote me concerning some supposed image of Christ, which image you wished me to send you. Now, what kind of thing is this that you call the image of Christ? I do not know what impelled you to request that an image of Our Saviour should be delineated. [...] How can one paint an image of so wondrous and unattainable a form - if term "form" is at all applicable to the divine and spiritual essence - unless, like the unbelieving pagans, one is to represent things that bear no possible resemblance to anything...? For they, too, make such idols when they wish to mould the likeness of what they consider to be a god or, as they might say, one of the heroes or anything else of the king, yet are unable even to approach a resemblance, and so delineate and represent some strange human shapes. Surely, even you will agree that such practices are not lawful for us. (MANGO, 1993, p. 16, 17)

Este fato nos conduz ao seguinte questionamento: como as imagens de Cristo transformaram-se em objeto de adoração a ponto de surgir um movimento imperial, no caso, o iconoclasmo, séculos depois, como forma de abolir essa adoração?

Como já foi dito antes, o caráter heterogêneo da sociedade bizantina é um fator de extrema importância para entender o período, já que as tendências heréticas continuaram a se disseminar, principalmente na região da Ásia Menor, onde os bispos já condenavam a

\_

Cf. André Grabar. In: GRABAR, André. *L'Iconoclasme Byzantin*. Le Dossier Archéologique. 2ª Edição. Paris: Champs Flammarion, 1998. P. 20.

adoração às imagens. Apesar de ter começado somente no século VIII, Ostrogorsky<sup>29</sup> chama a atenção para o fato de que a crise iconcolasta teve o seu anúncio ainda no governo do imperador Filípico-Bardanes (711-713) que era de origem armênia e defendia o monotelismo que já havia sido condenado no Sexto Concílio Ecumênico, em 692, e por conta própria, mediante um edito imperial, proclamou o monotelismo como única doutrina autorizada. Filípico-Bardanes não conseguiu chegar aos seus objetivos, conseguindo pra si uma grande oposição que acelerou a sua caída, porém, encontrou muitos seguidores e simpatizantes. Com isso, como já foi dito antes, essas correntes heréticas continuaram a se espalhar mostrando, assim, como essas heresias estavam longe de serem eliminadas de Bizâncio e também como ao longo desses últimos séculos, o problema cristológico estava posto e indefinido.

Neste sentido, a iconoclastia, enquanto um movimento de iniciativa imperial começou no século VIII com o imperador isaúrico Leão III (717-741), o qual, em 726, ordenou que fosse retirada a imagem monumental de Cristo da porta de bronze do Palácio Imperial, a chamada *Chalkê*<sup>30</sup>. A ação de Leão III levou à revolta da população que além de planejar um ataque contra o imperador, ainda atacou e matou alguns homens que ali estavam seguindo às suas ordens, devido à importância que a imagem havia adquirido ao longo da história bizantina, se transformando em uma das formas mais importantes de sua religiosidade.

Apesar disso, segundo Sherrard<sup>31</sup>, o imperador teve apoio do exército e da "burocracia governamental" que queria juntamente com o imperador conter o crescente poder da Igreja, o que nos leva a pensar que a crise iconoclasta seria um movimento de caráter mais precisamente político do que religioso, apesar das influências que o imperador Leão III (717-741) poderia ter sofrido do islamismo e judaísmo por ser de origem asiática.<sup>32</sup> Além disso, Ostrogorsky chama a atenção para o fato de que existia dentro da própria Igreja movimentos de opinião hostil contra as imagens, que viam no culto às mesmas uma incompatibilidade com o cristianismo, já que este era visto como um movimento puramente espiritual. De acordo com o autor, essas correntes eram especialmente fortes nas partes orientais do Império, onde

<sup>29</sup> OSTROGORSKY, Georg. *Historia Del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 157-216

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Este documento pode ser encontrado em: MANGO, Cyril. *The Art of the Byzantine Empire, 312-1453:* Sources and Documents. Toronto: University of Toronto Press, 1993. P. 151, 152.

SHERRARD, Philip e os redatores dos livros "Time-Life". A Instituição Sagrada. In: SHERRARD, P. Bizâncio. Trad. José Laurêncio de Melo. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1970. Cap. 5. p. 92-112.
 Há controvérsia quanto às influências que essas duas religiões possam ter exercido quanto à política iconoclasta.

ainda haviam rastros das velhas heresias, tais como as monofisistas. Por isso, defende que foi o contato com o mundo islâmico que teria acendido as chamas da iconoclastia.

Segundo Alain Besançon<sup>33</sup>, os argumentos iconoclastas partem da ideia de purificação do cristianismo para o retorno ao que ele chama de "tradição verdadeira", já que assim como as outras religiões do livro, como o judaísmo e o islamismo, no cristianismo também era proibido o ícone em si e o culto ao mesmo. Para reforçar seu argumento, os iconoclastas se apoiavam na proibição bíblica referente ao uso de imagens que aparece no Antigo Testamento<sup>34</sup>. Por isso, destroem e queimam os ícones e os ídolos, substituindo-os por imagens de animais ou temas florais. Porém, o autor chama a atenção para o fato de que somente um tipo de imagem específica continuou a ser mantida pelos iconoclastas, ou seja, aquela que se referia ao imperador. Neste sentido, para Besançon, os iconoclastas utilizaram de argumentos fortes e seletivos que poderiam ser usados de acordo com os seus interesses. "A proibição bíblica, tomada ao pé da letra, não teria permitido essas imagens. Acontece que os iconoclastas usaram argumentos mais circunstanciados e seletivos". (BESANÇON, 1997, p. 203).

<sup>33</sup> BESANÇON, Alain. *A imagem proibida. Uma história intelectual da Iconoclastia.* Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 179-238.

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990. ÊXODO 20:3, 4.



FIGURA 3: Saltério com a crucificação e um iconoclasta destruindo um ícone, Fólio 67r. Constantinopla logo após 843. Pergaminho. Museu Histórico Estatal, Moscou. (CORMACK, Robin; VASSILAKI, Maria, 2008. p. 101).

Com isso, em 730, Leão III (717-741) convocou um concílio em Constantinopla onde condenou as imagens através de uma lei que proibiu o culto e a presença das mesmas nas igrejas bizantinas. Segundo Fernanda Espinosa<sup>35</sup>, a relação entres as Igrejas oriental e ocidental que já eram difíceis, se complica de vez em uma profunda crise com a implementação da política iconoclasta. O patriarca Germano I (715-730), defensor do culto às imagens, é deposto do seu cargo pelo imperador sendo logo substituído pelo patriarca Anastácio<sup>36</sup> (730-754) que envia uma carta sinodal para o papa Gregório II, onde mostra o seu posicionamento a favor da iconoclastia. Assim, um contra concílio (por oposição ao Concílio de 730) é convocado pelo papa Gregório III (731-741) em 731, em Roma, onde os adversários das imagens são excomungados.

<sup>35</sup> ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio

\_

Temos aqui uma exceção, já que Anastácio é o único patriarca iconoclasta.

O foco de maior de resistência a essa decisão foi o setor monacal da Igreja bizantina, o qual aparece como figura de extrema importância nesse período, tanto na defesa das imagens quanto em relação ao desenvolvimento dos argumentos iconófilos, principalmente no que diz respeito ao famoso monge conhecido como João Damasceno, que liderou uma energética luta contra a iconoclastia a partir de seus tratados teológicos, o qual defendia que através das imagens, ou seja, da matéria, era possível chegar às realidades intransitáveis, já que a veneração que era oferecida à imagem era transmitida para o protótipo, ou seja, Deus.

Visto que alguns nos culpam por adorarmos e venerarmos a imagem do Salvador, a de Nossa Senhora e também as dos restantes dos santos e servidores de Cristo, fiquem a saber que desde o princípio Deus fez o homem à sua própria imagem. Por que outros motivos, então, nos amaríamos uns aos outros senão por sermos feitos à imagem de Deus? Porque, como diz Basílio, esse doutíssimo intérprete das coisas divinas: "A veneração prestada à imagem transita para o protótipo". Ora um protótipo é aquele que é representado na imagem e a partir do qual esta tira a sua forma. Por que razão o povo moisaico se prostava em adoração à volta do tabernáculo que encerrava uma imagem e figura das coisas divinas, ou melhor de toda a criação? O próprio Deus disse a Moisés: "Presta atenção, para que possas fazer todas as coisas segundo o modelo que te foi mostrado na montanha". [...] Mas visto que nem todos têm conhecimento das letras nem tempo para ler, pareceu aos Padres que certas façanhas notáveis devessem ser representadas em imagens que delas seriam uma breve recordação. Muitas vezes, sem dúvida, quando não temos a paixão do Senhor no espírito e vemos a imagem da crucificação de Cristo, lembramo-nos dessa mesma paixão e prostramo-nos em adoração, não ao material, mas àquilo de que ele é imagem; da mesma maneira também não prestamos culto ao material do Evangelho nem ao da cruz, mas ao que por eles é expresso. (ESPINOSA, 1972, p. 62)<sup>37</sup>

A reforma iconoclasta se aprofunda depois dos tratados teológicos de Damasceno. Sua continuidade se deu com Constantino V (741-775), filho de Leão III (717-741), considerado por muitos autores como o imperador que suprimiu de forma mais violenta aqueles que eram contra a iconoclastia. Em 754, Constantino V (741-775) convocou o concílio de Hieria, onde, através de um edito, reiterou a proibição de produção e culto dos ícones e ídolos, estendendo essa proibição, além da imagem de Cristo, à da Virgem ou qualquer outro santo. Além disso, definiu que os heréticos seriam tratados como rebeldes contra o Estado e que esforços contra os mesmos não seriam medidos.

C'est ensuite la sentence: proscription de toute image Du Christ et des saints, accompagnée de sanctions: deposition pour les évêques, les prêtres et les diacres, anathème pour les laïques. Suit une mesure disciplinaire concernant les évêques (du dogme official): défense leur est faite de s'emparer des objets sacrés sous prétext de faite disparaître les images des églises, et tout changement dans les églises doit être soumis à l'approbation de l'empereur ou du patriarche. Défense aussi est faite aux

 $<sup>^{\</sup>rm 37}$  Documento relativo á defesa de João Damasceno às imagens e ao culto das mesmas.

fonctionnaires d'entrer dans les églises et d'y commettre des violences. (GRUMEL, 1989, p. 14)<sup>38</sup>

Assim, de acordo com Besançon<sup>39</sup>, além de excelente chefe militar, Constantino era também um hábil teólogo que teve grande contribuição nos argumentos iconoclastas, principalmente no que diz respeito à diferenciação que o imperador faz entre matéria e retrato, onde afirma que nenhuma imagem produzida à mão pode ser consubstancial a Deus e a qualquer ser vivo.

Sob a inspiração do Espírito Santo, julgamos que a arte ilegítima de pintar criaturas vivas é uma blasfêmia contra a doutrina fundamental da nossa salvação – nomeadamente a Encarnação de Cristo. Para que serve a loucura do pintor que com as mãos maculadas tenta modelar aquilo que poderá apenas ser entendido no coração e confessado com a boca? Faz uma imagem e chama-lhe Cristo. O nome Cristo significa *Deus e homem*. Consequentemente pintou a natureza divina que não pode ser representada. Refugiam-se na desculpa: "Representamos apenas o corpo de Cristo". Mas como é que esses loucos ousam separar o corpo da natureza divina? Caem no abismo da impiedade, porque atribuem ao corpo uma substância em si próprio e isto introduz uma quarta pessoa na Trindade. [...] (ESPINOSA, 1972, p. 63)<sup>40</sup>

Com isso, segundo Runciman<sup>41</sup>, Constantino V teve apoio do exército e das províncias orientais, mas não teve o apoio das províncias europeias e da Anatólia ocidental, já que a massa da população continuou a sua devoção às imagens. Na capital, o culto aos ícones não teve fim, pois os iconófilos tiveram o apoio dos monastérios<sup>42</sup>. "Embora o imperador tenha conseguido controlar os bispos, não pode exercer o mesmo controle sobre os abades e os monges. Os monges tornaram-se os líderes do povo"(RUNCIMAN, 1978, p. 65). Neste sentido, é possível perceber que o argumento iconoclasta triunfou intelectualmente, porém,

estar sujeitas à aprovação do imperador ou do patriarca. Proibição é feita aos funcionários para entrar nas igrejas

e ali cometer violências".

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> Trecho do documento de 08 de agosto de 754, relativo à definição do concílio iconoclasta, que pode ser encontrado nas Atas do Patriarcado de Constantinopla, mais precisamente nos registros do Patriarcado de Constantino II (754-766), In: GRUMEL, Venance. Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes des patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxiême edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. P. 14. Documento N. 345. Tradução da autora: "Em seguida, a sentença: proibição de qualquer imagem do Cristo ou dos santos, acompanhado por sanções: deposição de bispos, sacerdotes e diáconos, anátema para os laicos. Segue uma medida disciplinar quanto aos bispos (do dogma oficial): proibição lhes é feita de se apropriar dos objetos sagrados pretexto de fazer desaparecer imagens e objetos das igrejas, e qualquer mudança nas igrejas devem

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> BESANÇON, Alain. *A imagem proibida. Uma história intelectual da Iconoclastia.* Trad. Carlos Sussekind. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. P. 179-238.

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina*. Tradução: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> Aqui podemos observar uma especificidade na religião bizantina que é o fato de que contrariamente ao monaquismo Ocidental, o monaquismo Oriental se desenvolver principalmente nas cidades.

teve forte resistência popular. Posteriormente em decorrência dessa forte oposição à política iconoclasta, Constantino V começou uma violenta perseguição aos iconófilos, principalmente contra os monges, por estes serem enérgicos defensores das imagens, ordenando, assim, o confisco dos seus bens.

Neste sentido, uma das possibilidades para o início da iconoclastia pode estar relacionada com uma possível influência exercida pelo islamismo e pelo judaísmo sobre os imperadores iconoclastas, já que essas religiões não eram adeptas do uso e culto das imagens, e, também, chama a atenção o fato do primeiro imperador iconoclasta, Leão III, ser de origem asiática, já que "essa aversão às representações em imagens na religião islâmica teve uma influência muito forte sobre os cidadãos da Ásia Menor, do Egito, Síria e Palestina" (BOY, 2004, p. 36). Um outro aspecto a ser destacado além das influências semitas é o fato de que os imperadores iconoclastas sempre surgiram como salvadores do império diante de ameaças externas em função de sua maior competência militar provenientes da parte asiática do império, o que para Maier<sup>43</sup>, justifica o fato de que ao contrário do que ocorreu na parte oriental do Império, na parte europeia o culto das imagens prosseguiu, já que essa região não corria riscos tão alarmantes de invasões, fazendo com que não precisassem aderir à política iconoclasta. Ou seja, para o autor, tanto o partido iconófilo quanto o partido iconoclasta não tiveram uma massa de seguidores bem definida, sendo a questão dos interesses políticos o que teria levado adeptos a ambos os partidos, sendo assim, a formação dos mesmos devido às questões externas do que às questões religiosas propriamente ditas.

Porém, mais uma vez é possível perceber como os monges tem papel fundamental no decorrer do movimento iconoclasta, o que nos faz acreditar que o início do mesmo possa estar diretamente associado, também, ao monacato bizantino, devido a um grande descontentamento por parte imperial com o crescente prestígio e riqueza dos monges e dos mosteiros, já que estes eram grandes proprietários de terras e abrigavam ícones e relíquias, que levavam grandes peregrinações e faziam desses lugares locais de culto e adoração. Além disso, segundo Hilário Franco Júnior e Ruy de Oliveira Andrade Filho<sup>44</sup>, havia também o fato de que os mosteiros tiravam uma boa massa da população jovem do Estado, tais como soldados e marinheiros, que para não morrer nas fronteiras e batalhas, procuravam vestir o hábito monástico.

-

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> MAIER, Franz Georg. *Historia Universal Siglo XXI, Bizâncio*. Siglo XXI de Espana Editores, S. A. Seção 2.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> JUNIOR, Hilário Franco; e FILHO, Ruy de Oliveira Andrade. *O Império Bizantino*. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção "Tudo é História". Pp. 12-31.

Após a morte de Constantino V, em 775, o movimento iconoclasta começa a perder força até a convocação do Sétimo Concílio Ecumênico de 787, pela então imperatriz regente Irene (780-789)<sup>45</sup>, em Nicéia, já que o mesmo não pode ser realizado em Constantinopla no ano interior, em 786, em razão da oposição do exército. A realização deste concílio teve um forte embasamento teológico nos escritos de João Damasceno que se transformaram em base para o mesmo. Neste concílio, o iconoclasmo foi condenado e o culto às imagens foi restabelecido e justificado, o que pode ser visto no documento de 11 de outubro de 787, que pode ser encontrado nos registros das atas do patriarcado de Constantinopla reunidos por Grumel. <sup>46</sup> Segundo Espinosa <sup>47</sup>, o restabelecimento do culto das imagens conseguiu, momentaneamente, aproximar as Igrejas de Roma e Constantinopla. Porém, a paz para com as imagens não durou por muito tempo, já que o iconoclasmo reapareceria anos mais tarde.

Com isso, em 813, o então imperador Leão V (813-820) removeu mais uma vez as imagens e recomeçou uma série de perseguições aos iconódulos e aos monges, devido à convicção de que os grandes e vitoriosos governos de Leão III e Constantino V teriam ocorrido por causa da política iconoclasta e da perseguição aos iconófilos (MAIER, 1986). Neste sentido, Miguel II (820-829) e Teófilo (829-842) continuaram a política iconoclasta de seus antecessores e, em 815, um concílio iconoclasta foi realizado em Santa Sofia, onde, mais uma vez o culto às imagens foi condenado. Porém, dessa vez o movimento repareceu com menos força e apoio, o que levou a uma rápida reação do partido iconófilo.

Assim como no primeiro período iconoclasta temos, mais uma vez, a importante figura de um monge na defesa das imagens, papel este que coube a Teodoro Studita, o qual defendia, assim como Damasceno, que venerar uma imagem era o mesmo que venerar a quem era representado na mesma devido à similitude.

Hence, he who reveres an image surely reveres the person whom the image shows; not the substance of the image, but him who delineated in it. nor does the singleness of his veneration separate the model from the image, since, by virtue of imitation, the image and the model are one. (MANGO, 1993, p. 173)

-

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Irene reinou por duas vezes em Bizâncio, a primeira como regente de 780 a 789 e como imperatriz de 797 a 802.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Documento N. 357: "Sousciption à I'horos Du septième concile ecuménique. Cet horos consiste dans le symbole dit de Nicée-Constantinople, la condamnation des anciens hérétiques (Honorius est nommé parmi eux), la justification du culte des images, et il se termine par des sanctions contre les ennemis de ce culte". In: GRUMEL, Venance. Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxiême edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. P. 25.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio.

Porém, em 842, Teodora (842-855) tornou-se imperatriz e elegeu como patriarca Metódio I (843-847), e em 843, ambos proclamaram o restabelecimento definitivo do culto das imagens, através de um concílio, em Constantinopla, derrotando de vez a iconoclastia que foi considerada uma grande heresia. Foram ainda renovadas todas as disposições do Segundo concílio Ecumênico realizado em Nicéia, em 787, onde se deu o primeiro restabelecimento do culto das imagens<sup>48</sup>. Segundo Lemerle<sup>49</sup>, o dia 11 de março de 843 ficou marcado por uma cerimônia solene realizada em Santa Sofia, onde foi celebrado aquilo que ficou marcado como "Restauração da Ortodoxia" ou "Domingo da Ortodoxia", que é comemorado todos os anos pela Igreja grega.



Figura 4: Ícone com o Triunfo da Ortodoxia. Constantinopla (?), segunda metade do século XIV. Têmpera de ovo sobre madeira. The Trustees of the British Museum. (CORMACK, Robin; VASSILAKI, Maria, 2008. p. 109) A imperatriz Teodora e seu filho Miguel III estão de pé ao lado de um ícone da Virgem Hodegetria, do outro lado encontra-se o patriarca Methodios. As outras figuras

<sup>48</sup> O documento referente ao sínodo de 843 pode ser encontrado nos Registros das Atas do Patriarcado de Constantinopla, reunido por Venance Grumel, nas páginas 65 e 66, documento intitulado N. 416. O referido documento pode também ser encontrado no final deste trabalho, na parte intitulada "Anexo", com uma simultânea tradução feita por Renato Viana Boy in: BOY, Renato Viana. *Bizâncio, o Oriente semita e a querela das imagens. Séculos VIII e IX.* Monografia de bacharelado. UFOP. DEHIS, 2004. p. 86-87.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Trad. Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

representa heróis do conflito contra o iconoclasmo. (The Oxford Dictionary of Byzantium, verbete "Triunph of Orthodoxy, vol. 3, p. 2122, 2123)

Neste sentido, é possível perceber o caráter único da sociedade bizantina, onde os poderes temporais e espirituais são indissociáveis, diferentemente do que ocorria no Ocidente, mostrando, assim, como isso pode acarretar em problemas e em situações atípicas como a iconoclastia, pois todas as questões do Império perpassam por essas duas esferas, que para manter a paz precisam trabalhar juntas, o que nem sempre era possível, devido aos diferentes interesses que as cercavam. O estudo da iconoclastia mostra também que apesar desse caráter único em relação aos principais poderes que governavam Bizâncio, o poder temporal tenta de todas as formas se sobrepor ao poder espiritual, principalmente, como já vimos, em relação às convocações sinodais que sempre foram feitas por imperadores e não pelos patriarcas. Ou seja, a Igreja é quase sempre mais assunto do Estado do que da própria Igreja e normalmente age sempre sobre a sua tutela.

Assim, podemos perceber também que a política iconoclasta entra em vigor justamente em um período de crise do Império Bizantino, quando o mesmo está passando por diversas tentativas de invasões árabes e por um crescente prestígio e riqueza dos monastérios, o que segundo Lemerle, estava se tornando um Estado dentro do próprio Estado, o que nos faz perceber o iconoclasmo enquanto um problema de caráter mais estatal do que propriamente religioso.

Além disso, é preciso que nos atentemos para o papel e o significado que a imagem tem nessa sociedade, já que o movimento iconoclasta nos mostra como a imagem em si pode suscitar diversos debates e conflitos, devido aos vários significados que a mesma pode ter em uma sociedade, no caso, a sociedade bizantina, onde aqueles que os iconófilos veem a imagem enquanto uma forma de estar mais perto de Deus, daquilo em que se acredita; enquanto que aqueles que detém o poder, no caso os imperadores, veem a imagem enquanto um mecanismo de poder, ou seja, assim como os textos dos teólogos defensores das imagens, ou mesmo os que são contrários às mesmas, a imagem em si também pode ser considerada, nas palavras de Averil Cameron, como uma *arma* de acordo com os interesses que a cerca.

### **CONCLUSÃO**

Enquanto que no Ocidente as questões territorial, populacional e religiosa eram bem definidas, ao se pensar no estudo da história do Império Bizantino é preciso estar atento para o fato de que o mesmo se encontra em uma posição geo-estratégica, situado entre o Oriente e o Ocidente e que isso acarretou ao longo de sua história em múltiplos problemas de ordem territorial, político, cultural e religioso, devido à sua constituição a partir de influências europeias e asiáticas e, também, devido ao caráter heterogêneo de sua população.

Além disso, encontramos em Bizâncio o problema da questão indissociável dos poderes temporais e espirituais, onde simultaneamente o Estado era problema da Igreja, e a Igreja problema do Estado, o que não ocorria no Ocidente, onde a separação entre ambas essas esferas estava bem definida, sendo o poder espiritual submisso ao estatal. Temos assim, em Bizâncio, uma especificidade que levou a vários conflitos, principalmente no que tange ao papel da imagem religiosa nessa sociedade, já que e mesma foi motivo de um grande movimento, mais conhecido como iconoclasmo bizantino, onde as imagens foram vítimas de grande contestação, por parte imperial, devido ao culto e veneração dedicados a elas.

Neste sentido, é possível perceber o movimento iconoclasta enquanto um movimento de iniciativa imperial e também como um problema de cunho mais político, do que precisamente religioso como muitos autores sobre o tema defendem. Isso porque foi possível perceber como os imperadores iconoclastas - apesar de sua origem asiática, sendo assim, suscetíveis às influências árabes - usaram da iconoclastia como uma forma de limitar os poderes, privilégios e riquezas do monacato bizantino, o que já estava se tornando, segundo Lemerle<sup>50</sup>, um Estado dentro do próprio Estado.

Procuramos também mostrar, neste trabalho, o papel da imagem enquanto um mecanismo de poder, já que essa luta de mais de um século em torno das imagens, partiu de um momento em que a veneração das mesmas já estava consolidada na sociedade bizantina, mostrando assim, que quem tem o domínio sobre elas detém o poder. Ou seja, ao proclamar a política iconoclasta que proibia o culto das imagens, o imperador Leão III limitava o poder independente dos monges, que tinham que se submeter, assim como a Igreja, ao poder

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Trad. Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

imperial. Isso nos fica claro no fato de que os imperadores iconoclastas não eram contrários a todos os tipos de imagens, somente ás que faziam referência à imaginária religiosa, já que os retratos que diziam respeito ao imperador continuavam a fazer parte da vida bizantina.

Outra questão de extrema importância diz respeito à qual teria sido a opinião da população comum bizantina, já que esta não era letrada, e por isso, não teria acesso às discussões teológicas da época. Porém, não há documentos suficientes para que possamos entender a reação desse importante setor da sociedade bizantina, o que nos faz entender essa população enquanto massa de manobra – apesar de sua reação primeira à retirada do Cristo da porta de Bronze do Palácio Imperial - que seguia o que o Estado ordenava, já que o movimento iconoclasta partiu de forma vertical, ou seja, de cima pra baixo, de uma ordem do imperador para os seus demais súditos.

Portanto, partindo da temática escolhida para este trabalho a qual definimos como desafiadora, chamamos a atenção para a importância do estudo do iconoclasmo bizantino, devido não só às suas particularidades, mas também devido ao fato de que a civilização bizantina se constitui enquanto uma civilização de extrema importância para a História, já que Bizâncio, segundo Lemerle, foi mais do que uma simples sobrevivência do Império Romano em decadência, ou seja, foi "um império, que durante onze séculos, nos confins do Ocidente e do Oriente, soube resistir aos golpes de um e de outro e cumprir, junto a eles, sua missão histórica e civilizadora" (LEMERLE, 1991, p. 2).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes primárias:

ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio. pp. 55-64.

GRABAR, André. *L'Iconoclasme Byzantin*. Le Dossier Archéologique. 2ª Edição. Paris: Champs Flammarion, 1998. p. 20.

GRUMEL, Venance. Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxième edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. pp. 2-86.

MANGO, Cyril. *The Art of the Byzantine Empire, 312-1453:* Sources and Documents. Toronto: University of Toronto Press, 1993. pp. 16-175.

### Bibliografia geral:

ANGOLD, Michael. *Bizâncio: a ponte da Antiguidade para a Idade Média*. Tradução: Alda Porto Santos. Rio de Janeiro: Imago, 2002. pp. 68-86.

BESANÇON, Alain. *A imagem proibida*. Uma história intelectual da Iconoclastia. Rio de Janeiro: Betrand Brasil, 1997.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: Sociedade Bíblica Católica Internacional e Paulus, 1990.

BOY, Renato Viana. *Bizâncio, o Oriente semita e a querela das imagens. Séculos VIII e IX.* Monografia de bacharelado. UFOP. DEHIS, 2004.

CAMERON, Averil. *O texto como arma: polêmica na "Idade das Trevas" de Bizâncio.* In: BOWMAN, Alan K.; WOOLF, Gug. (Org.). *Cultura escrita e poder no mundo antigo.* Trad. Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1998. PP. 242-263.

CORMACK, Robin; VASSILAKI, Maria. *Byzantium*, *330-1453*. London: Royal Academy of Arts, 2008. Catálogo da exposição "Byzantium", na Royal Academy of Arts, London, 25 de outubro de 2008 a 22 de março de 2009.

DIEHL, Charles. *Os grandes problemas da história bizantina*. São Paulo: Editora das Américas, 1961. Capítulos V e VI.

JUNIOR, Hilário Franco; e FILHO, Ruy de Oliveira Andrade. *O Império Bizantino*. 3ª Edição. São Paulo: Brasiliense, 1985. Coleção "Tudo é História". Pp. 12-31.

KAZHDAN, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York – Oxford: Oxford University Press, 1991, 2 vol. Vol. 2.

\_\_\_\_\_\_, Alexander P. *The Oxford Dictionary of Byzantium*. New York – Oxford: Oxford University Press, 1991, 3 vol. Vol. 3.

KNOWLES, David. *El monacato Cristiano*. Madrid: Biblioteca pra El Hombre Actual, 1969. Cap. 9) El Monacato Bizantino. PP. 124-134.

LEMERLE, Paul. *História de Bizâncio*. Tradução: Marilene Pinto Michael. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MAGUIRE, Henry. Art and Eloquence in Byzantium. Princeton: Princeton University Press, 1994. p. 9.

MAIER, Franz Georg. *Historia Universal Siglo XXI*, *Bizâncio*. Siglo XXI de Espana Editores, S. A. Seção 2.

OSTROGORSKY, Georg. *Historia Del Estado Bizantino*. Tradução de Javier Facci. Madri: Akal, 1984. pp. 157-216.

PREVITE-ORTON, C. W. *Historia Del mundo em La Edad Media*. Barcelona: Editorial Ramón Sopena, 1967. p. 349.

RUNCIMAN, Steven. *A Civilização Bizantina*. Tradução: Waltensir Dutra. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977.

RUNCIMAN, Steven. *A Teocracia Bizantina*. Tradução: Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

SHEPARD, Jonathan. The Cambridge History of The Byzantine Empire. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

SHERRARD, Philip e os redatores dos livros "Time-Life". A Instituição Sagrada. In: SHERRARD, P. *Bizâncio*. Trad. José Laurêncio de Melo. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro, 1970. Cap. 5. p. 92-112.

TAVEIRA, Celso. *O modelo político da autocracia Bizantina: fundamentos ideológicos e significado histórico*. Tese de doutorado. USP: 2002.

### ANEXO I. Documentos referentes ao patriarcado de Anastácio (730-754)

Documentos referentes ao patriarcado de Anastácio (730-754) que podem ser encontrados em GRUMEL, Venance. Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxième edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. pp. 12.

### N. 343

Fin janvier 730.

Nicéphore, Théophane, Théodose de Mélitène. Document contre les images écrit et souscrit à la demande de l'empereur Léon III.

### N. 344

Fin janvier ou février 730.

Synodica (Liber Pontificalis). Lettre synodale au pape Grégoire II contre les images.

### ANEXO II. Documentos referentes ao patriarcado de Tarásio (780-806)

Documentos referentes ao patriarcado de Tarásio (780-806) que podem ser encontrados em: GRUMEL, Venance. *Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206*. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxième edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. pp. 22-34.

### N. 356

1 octobre 787.

Document. Souscription à la profession de foi Du septième concile ecuménique sur la Trinité à qui seule est due la latrie, sur Le Christ qui nous a délivres des idoles et sur le culte de la croix et des images.

### N. 357

13 octubre 787.

Document. Souscription à l'horos Du septième concile ecuménique. Cet horos consiste dans le symbole dit de Nicée-Constantinople, la condamnation des anciens hérétiques (Honorius est nommé parmi eux), la justification du culte des images, et Il se termine par des sanctions contre lês ennemis de ce culte.

### ANEXO III - Documentos referentes ao patriarcado de Nicéforo I (806-815)

Documentos referentes ao patriarcado de Nicéforo I (806-815) que podem ser encontrados em: GRUMEL, Venance. *Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206*. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxième edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. pp. 36-53.

### N. 390

Décembre 814, avant Noël.

Vita Leonis Armeni. Réponse à l'empereur au sujet des images. Il refuse de lês soustraire à la vénération du peuple. Les images sont vénérées comme la Croix et l'Évangile; c'est une tradition de l'Église et il n'est point nécessaire de recherché si et ou on le trouve dans l'Écriture.

### N. 391

Décembre 814, peu avant Noël.

Vita Leonis Armeni. Engagement mutuel, fait par écrit, du patriarche, des évêques et des moines rassemblés au patriarcat, de résister jusqu'à la mort à l'orage iconoclaste et de rester toujours unis. Étaient présents, d'aprés la Vita S. Theophylacti, lês évêques dont les noms suivent: Euthyme de Sardes, Émilien de Cyzique, Joseph de Thessalonique, Eudoxius d'Amorion, Michel de Synades et Théophylacte de Nicomédie.

### N.394

Décembre 814, peu avant Noël.

Vita Leonis Armeni. Message à l'emprereur le priant de ne point bouleverser l'Église, que lês Pères ont édifiée dans la foi et purgée de toute hérésie. Le patriache offre as démission pourvu que la foi soit sauvegardée.

### N. 395

Fin 814 ou début de 815.

Vita S. Nicephori. Lettre à l'impératrice Théodosie pour qu'elle détourne le souverain son mari de faire la guerre aux images.

### N. 396

Fin 814 ou début de 815.

Vita S. Nicephori. Lettre au trésorier de l'État pour qu'il détourne l'empereur de faire la guerre aux images.

### N. 397

Fin 814 ou début de 815.

Vita S. Nicephori. Lettre à Eutychianos, premier secrétaire imperial, pour le menacer des châtiments divins, s'il persiste dans as conduite hostile à l'Église.

### N. 400

815, février ou mars (avant le 13)

Vita S. Nicephori. Déposition des évêques et clercs iconoclasts qui le citaient à comparaître devant leur synode.

### N. 401

Mars 815, le 13 ou peu avant

Vita S. Nicephori. Lettre d'abdication addressee à l'empereur. Il a tout supporté, injures, prisons, proscriptions, parte de ses serviteurs. Il a appris maintenant qu'on lui dresse des embûches et qu'on veut porter une main violence contre lui. Pour éviter qu'ait lieu ce crime et qu'il retombe sur l'empereur, Il se decide, malgré lui et sous la pression des sés ennemis, à quitter le siége patriarcal et se confie à la Providence et à la bonté de Dieu.

### N. 402

815 (?)

Théodore Studite. Décret porte par Nicéphore et lês défenseurs des images contre lês prêtres qui auront accepté la communion des hérétiques: em venant à résipiscence, ils demeureront suspens jusqu'à la paix religieuse, même aprés avoir accompli leur penitence.

### ANEXO IV - Documentos referentes ao patriarcado de Metódio (843-847)

Documentos referentes ao patriarcado de Metódio (843-847), que diz respeito ao decreto sinodal, no qual é restabelecido o culto das imagens definitivamente, em 843, que podem ser encontrados em: GRUMEL, Venance. Le patriarcat byzantine. Série I, les regestes des actes du patriarcat de Constantinople. V. 1, Les actes patriarches, fasc. II et III. Les regestes de 715 à 1206. Paris: Institut Français d'Études Byzantines, 1989. Deuxiême edition revue et corrigée par Jean Darrouzès, 1989. P. 65, 66.

### N. 416

Mars 843, entre le 4 et le 11

(Titre dans le ms.), (document), (Zonaras). Examen synodal, décret rétablissant le septième concile ecuménique et le culte des images, et anathématismes. Analyse du décret: Notre-Seigneur, Fils de Dieu, empreinte de l'hypostase Du Père, voulant sauver les hommes, s'est fait homme parfait, les a delivers par ses enseignements de l'idolâtrie, et par ses souffrances de la mort du péché. Ressuscité et nous ressuscitant avec lui, et tête de l'Église, il a établi em celle-ci des apôtres, puis des prophètes, ensuite des docteurs, pour la formation des saints. Des hommes ont paru, évêques indignes, qui ont tenu un sanhédrin diabolique et enseigné des dogmes impies. Ils ont accusé d'idolâtrie le peuple Saint sauvé par le Christ de l'erreur des idoles et ont détruit ou enlevé les vénérables images. Hiérarques devenus hérésiarques, ils ont semé dans les Églises le désordre et la zizanie et répandu le mensonge. Nos três valeureux et três orthodoxes empereurs Michael et as mère Théodora n'ont pás supporté que cette peste continuât sous leur règne. C'est pourquoi ils ont ordonné de tenir cette nombreuse assemblée dans la ville royale pour chasser la dissension et rétablir l'unité. Aussi, arrachant les épines des fousses doctrines et déployant le manteau de l'orthodoxie, fidèles aux enseignements des apôtres et des Pères, nous osons dire: Par l'inspiration du Saint-Esprit, tous ensemble, en conformité avec la tradition de l'Église catholique, nous nous accordons avec les sept conciles pour recevoir absolument les saintes images: du Christ selon qu'il est homme parfait et qu'il est décrit dans le récit évangélique: de la sainte Théotocos: des anges, car ils ont apparu comme des hommes: des saints: sur les tablettes, sur les murs, sur les vases sacrés, sur les vêtements, selon la tradition de l'Église et lês règlements des patriarches de notre doctrine et leurs successeurs: car c'est chose indubitablement agréable à Dieu que de vénérer et de baiser les reproductions du Christ, de

la Théotocos, des anges et des saints, et aussi les reliques des martyrs qui ont lutté pour le Christ et ont reçu de lui la Grace de guérir les maladies et de chasser les démons. Si quelqu'um ne tient pás cette doctrine, notre concile Saint et ecuménique l'anathématise, et c'est pourquoi nous avons fait les anathématismes suivants: quatre anathèmes, nominatifs, contre des hérésiarques des sept premiers siècles; neuf, impersonnels, contre les iconoclastes; um personnel, contre les trois animateurs du concile de Hiéria (754), et contre lês "patriarches" Constantin (754-766) et Jean (837-843). Acclamations d'éternelle mémoire aux confesseurs des images, puis aux patriarches, aux empereurs (postérieurs à Méthode et Michel III) et prière de conclusion.

### Tradução do documento anterior conforme Renato Viana Boy:51

Decreto sinodal de 11 de março de 843, definido sob o patriarca Metódio e a imperatriz regente Teodora, restabelecendo definitivamente o culto de imagens no cristianismo ortodoxo.

Exame sinodal, decreto restabelecendo o sétimo concílio ecumênico e o culto das imagens e anátemas. Análise do decreto: Nosso Senhor, Filho de Deus, possuído pela hipóstase do Pai, querendo salvar os homens, se fez homem perfeito, e os livrou, por seus ensinamentos, da idolatria, e pelos seus sofrimentos, da morte do pecado. Ressuscitado com ele, cabeça da Igreja, ele nela estabeleceu apóstolos, sem seguida profetas, em seguida doutores, pela formação dos santos. Homens surgiram, bispos indignos, que tiveram um sinédrio diabólico e ensinaram os dogmas ímpios. Acusaram de idolatria o povo santo salvo pelo Cristo do erro dos ídolos e destruíram ou arrancaram as veneráveis imagens. Hierarcas tornados heresiáticas, eles semearam dentro das igrejas a desordem e a discórdia e difundiram o engano. Nossos muitos valorosos e muito ortodoxos imperadores Miguel e sua mãe Teodora não suportaram que essa peste continuasse sobre seu reino. É por isso que eles reuniram essa numerosa assembleia na cidade real para expulsar a dissensão e restabelecer a unidade. Também arrancando os espinhos das falsas doutrinas e desenrolando o manto da ortodoxia, fiéis aos ensinamentos dos apóstolos e dos Pais, nós ousamos dizer: Pela inspiração do Espírito Santo, todos juntos, em conformidade com a tradição da Igreja Católica, nós estamos de acordo com os sete concílios para receber absolutamente as santas imagens: do Cristo,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> In: BOY, Renato Viana. *Bizâncio, o Oriente semita e a querela das imagens. Séculos VIII e IX.* Monografia de bacharelado. UFOP. DEHIS, 2004. Pp. 86, 87.

segundo ser ele homem perfeito e descrito na narrativa evangélica, da santa Theotocos; dos anjos, porque eles apareceram como homens; dos santos: sobre as tabuletas, sobre os muros, sobre os vasos sagrados, sobre as vestimentas, segundo a tradição da Igreja e os regulamentos dos patriarcas de nossa doutrina e de seus sucessores; pois é coisa indubitavelmente agradável a Deus venerar e beijar as reproduções do Cristo, da Theotocos, dos anjos e dos santos, e também as relíquias dos mártires que lutaram pelo Cristo e receberam dele a graça de curar as doenças e de expulsar os demônios. Se alguém não sustentar essa doutrina, nosso concílio santo e ecumênico o anematiza, e é por isso que nós fizemos os anátemas seguintes: quatro anátemas nominativos, contra os heresiarcas dos sete primeiros séculos; nove, impessoais, contra os iconoclastas; um, pessoal, contra os três promotores do Concílio de Hieria (754), e contra os "patriarcas" Constantino (754-766) e João (837-843). Aclamações de eterna memória aos confessores das imagens, em seguida aos patriarcas, aos imperadores (posteriores a Metódio e Miguel III) e oração de conclusão.

### ANEXO V - S. João Damasceno defendeu as imagens

Fragmento que pode ser encontrado em: ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio. P. 62.

Visto que alguns nos culpam por adorarmos e venerarmos a imagem do Salvador, a de Nossa Senhora e também as dos restantes dos santos e servidores de Cristo, fiquem a saber que desde o princípio Deus fez o homem à sua própria imagem. Por que outros motivos, então, nos amaríamos uns aos outros senão por sermos feitos à imagem de Deus? Porque, como diz Basílio(1), esse doutíssimo intérprete das coisas divinas: "A veneração prestada à imagem transita para o protótipo". Ora um protótipo é aquele que é representado na imagem e a partir do qual esta tira a sua forma. Por que razão o povo moisaico se prostava em adoração à volta do tabernáculo que encerrava uma imagem e figura das coisas divinas, ou melhor de toda a criação? O próprio Deus disse a Moisés: "Presta atenção, para que possas fazer todas as coisas segundo o modelo que te foi mostrado na montanha". [...] Mas visto que nem todos têm conhecimento das letras nem tempo para ler, pareceu aos Padres que certas façanhas notáveis devessem ser representadas em imagens que delas seriam uma breve recordação. Muitas vezes, sem dúvida, quando não temos a paixão do Senhor no espírito e vemos a imagem da crucificação de Cristo, lembramo-nos dessa mesma paixão e prostramo-nos em adoração, não ao material, mas àquilo de que ele é imagem; da mesma maneira também não prestamos culto ao material do Evangelho nem ao da cruz(2), mas ao que por eles é expresso.

[S. Joannis Damasceni, De *Fide Orthodoxa*, lib. IV, cap. XVI, in J. P. Migne, *Patrologiae Cursus Completus*, Series Graeca, t. XCIV, Paris, 1864, cols. 1167 a 1171.]

(1) S. Basílio (329-379), bispo de Cesaréia, na obra *De Spiritu Sancto*, cap. 18. (2) Este argumento tem um valor especial, na medida em que os iconoclastas prestavam culto à vera cruz.

### ANEXO VI - A condenação das imagens em Bizâncio

Texto que pode ser encontrado em: ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio. P. 63.

Sob a inspiração do Espírito Santo, julgamos que a arte ilegítima de pintar criaturas vivas é uma blasfêmia contra a doutrina fundamental da nossa salvação – nomeadamente a Encarnação de Cristo. Para que serve a loucura do pintor que com as mãos maculadas tenta modelar aquilo que poderá apenas ser entendido no coração e confessado com a boca? Faz uma imagem e chama-lhe Cristo. O nome Cristo significa *Deus e homem*. Consequentemente pintou a natureza divina que não pode ser representada. Refugiam-se na desculpa: "Representamos apenas o corpo de Cristo". Mas como é que esses loucos ousam separar o corpo da natureza divina? Caem no abismo da impiedade, porque atribuem ao corpo uma substância em si próprio e isto introduz uma quarta pessoa na Trindade. [...]

Mas se alguém disser: podemos ter razão no que respeita às imagens de Cristo, mas não está certo para nós proibir também as imagens da simultâneamente imaculada e sempre gloriosa Mãe de Deus, replicaremos que a Cristandade rejeitou a totalidade do paganismo. Se alguém pensa trazer de novo para a vida os santos por meio de uma arte morta descoberta pelos pagãos, torna-se culpado de blasfêmia. Quem ousará com uma arte gentílica pintar a Mãe de Deus? A Escritura diz: "Deus é um espírito", e também: "Não farás nenhuma imagem esculpida".

[Post Nicene Fathers, series second, vol. 14, pp. 543-544.]

### ANEXO VII - O 2º Concílio de Nicéia (787) condenou a iconoclastia:

Texto que pode ser encontrado em: ESPINOSA, Fernanda. *Antologia de textos históricos medievais*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1972. P. 63. Documento referente à condenação das imagens em Bizâncio. P. 63, 64.

O santo, magno e ecumênico sínodo que, pela graça de Deus e o mandato do piedoso e adorador de Cristo o imperador Constantino e Irene sua mãe, de Cristo amantíssimos, foi reunido pela segunda vez em Nicéia, a esplêndida metrópole da Bitínia, na sagrada Igreja de Deus que é chamada Sofia, tendo seguido a tradição da Igreja Católica, definiu o que se segue:

[...] Nós, portanto, seguindo a via real, apoiando-nos na doutrina dos nossos santos e divinos Padres e observando as tradições da Igreja Católica na qual habita o Espírito Santo, definimos com toda a diligência e cuidado que as venerandas e santas imagens da mesma maneira e forma que a veneranda e vivificante cruz, que as imagens pintadas, de mosaico e de outros materiais apropriados, devem ser consagradas, colocadas e estimadas por Deus, nos vasos sagrados e vestimentas, nas paredes e nas tábuas, nas casas e nas bermas das estradas; e o mesmo no que respeita às imagens de nossa Senhora Imaculada, a Mãe de Deus, dos veneráveis anjos e de todos os santos homens. Porque quanto mais frequentemente elas forem vistas em representação artística mais prontamente serão os homens conduzidos à memória e recordação dos seus protótipos e a um desejo deles. A estes será prestada a devida saudação e reverência honrosa, mas não evidentemente para lhes dedicar a verdadeira adoração que pertence apenas à natureza divina. Ser-lhes-ão oferecidos, assim como à figura da veneranda e vivificante cruz e ao livro dos Evangelhos e a outros objectos sagrados, o incenso e as luzes, como tem sido um piedoso hábito desde a Antiguidade. Na realidade a homenagem prestada à imagem transita para os eu protótipo original e aquele que adora uma imagem adora o que nela está representado. [...]

[ J. D. Mansi, Sacrorum Conciliorum nova et amplíssima collectio, t. XIII, cols. 728 a 730, Florentiae, 1767.]